

[(1886), *Jornal do Commercio*, ano XXXIV, nº 9880, 5 de Novembro (Lisboa)]

XI – FISIOLOGIA. OS JEJUNS EXPERIMENTAIS

Depois do célebre jejum do Dr. Tanner é naturalmente difícil de acreditar na boa-fé dos outros jejuns semelhantes.

O jejum do italiano Succi continua, porém, a merecer a atenção de médicos eminentes, e, nas condições de fiscalização em que foi feito, é uma verdadeira experiência de fisiologia, cujos resultados felizes os princípios gerais desta ciência e os antecedentes do jejuador explicam perfeitamente.

O jejum de Succi foi vigiado por uma comissão de medicina, e um dos membros dela, o Dr. Luís Bufalini, fez sobre ele as mais completas e interessantes observações, declarando que a experiência não deixa nada a desejar pelo que respeita à boa-fé e assiduidade das comissões de vigilância; não há dúvida nenhuma que o jejuador não tomou alimento algum durante os trinta dias.

A coisa, segundo o próprio Succi, está num licor de que ele toma uma certa quantidade antes de começar o jejum, e cuja composição é desconhecida. Este licor deve ser composto com certas plantas africanas. Succi, viajou bastante, sobretudo em África, e foi numa dessas viagens que ele começou a série dos seus jejuns; em 1877, tendo as febres de África, conheceu que certos sucos vegetais, que tomava para combater essas febres, lhe permitiam abster-se de qualquer alimentação, podendo, todavia, continuar as suas excursões. Ele repetia depois estes jejuns muitas vezes, e o que acaba de fazer em Milão é o vigésimo primeiro.

Estes factos permitem já acreditar na seriedade da experiência de Succi, na possibilidade de conseguir estar 30 dias sem comer tendo feito já gradualmente e ajudado por drogas enérgicas, 20 experiências sucessivas. A experiência não perde por isto o seu interesse e será talvez o ponto de partida de proveitosas aplicações da terapêutica e não uma experiência de charlatanismo, podendo tão somente provar que um homem pode muito bem viver comendo uma só vez ao dia, como dizem os jornais incrédulos. A experiência de Succi, dissemos, esteve sujeita à mais assídua e científica vigilância.

Os médicos e fisiologistas que alternativamente o rodeavam, observaram e notaram cuidadosamente o peso perdido cada dia, o das urinas e das fezes, e a análise minuciosa destas últimas e o seu limitadíssimo número são uma demonstração indirecta de que Succi guardou o mais rigoroso jejum. Durante os trinta dias, que este durou, Succi teve apenas três evacuações pelo recto, uma ao terceiro dia, outra no décimo e outra no vigésimo sétimo. No décimo dia, as fezes continham cristais de ácidos gordos, fosfato tribásico, matéria corante, células epiteliais do intestino, e apenas algumas fibras musculares resto evidente da última refeição. É importante saber que isto é muito possível, haver ainda no intestino resíduos de alimentação ao fim de dez dias; as fezes do vigésimo sétimo não continham já nenhum desses resíduos.

Succi bebia, termo médio, 818 gramas de água por dia, mas desejando provar ainda por este meio que não tomava nenhum alimento, vomitava voluntariamente uma parte dela, a qual não trazia consigo senão um sedimento mucoso e células epiteliais provenientes das primeiras vias digestivas.

A quantidade de urina lançada cada dia era, termo médio, 408 gramas, e nunca excedeu 500 gramas.

Todas as outras secreções ficaram abolidas: Succi nunca teve transpiração, nem mesmo depois dos exercícios violentos a que se entregava, como, por exemplo, uma carreira de 7 quilómetros; ele nunca escarrou nem se assoou em todo o tempo que durou o seu longo jejum.

A perda total no peso do corpo foi de 13,100 quilos, 440 gramas por dia.

Entre o estado físico e mental de Succi e os resultados do seu jejum, e os de outros jejuns célebres registados na história da medicina, há uma diferença capital que é indispensável dar a conhecer e que dá a rara celebridade do jejuador italiano.

Em todos os outros casos trata-se mais ou menos de indivíduos sofrendo perturbações nervosas, ou cujas funções nutritivas se acham muito alteradas, e a privação prolongada dos alimentos teve sempre por consequência fatal uma diminuição considerável da força muscular, da inteligência e da vontade, como também a perversão ou a abolição das diversas funções.

Ora em Succi nada disto se observa. É verdade que ele já esteve por duas vezes um pouco exaltado, chegando a ser recolhido num hospício de alienados; mas, na ocasião do seu último jejum, ele apresentou-se perfeitamente lúcido, inteligente, com uma aptidão muito completa para as diversas ocupações a que se entregava, e a força muscular manteve-se, durante o jejum, igual à de um homem que se alimenta bem. No dia 18 de Setembro, dia em que terminou o prazo do seu jejum, todas as suas funções físicas e intelectuais eram absolutamente normais, apesar dos exercícios violentos a que ele se entregava, e que pareciam não lhe produzir fadiga alguma.

Succi tem 35 anos, é um tanto magro, de estatura mediana, de esqueleto e musculatura bem desenvolvidos; o seu carácter é vivo e muito irritável. Um exame minucioso a que se procedeu não revelou nenhum dos sintomas que caracterizam o histerismo masculino; todos os órgãos dos sentidos funcionam normalmente, e a sensibilidade geral, examinada com o estesiómetro de Weber, não apresenta nada de anormal.

Na família de Succi não se verifica a existência de nenhuma moléstia nervosa, e os que o conhecem desde a infância declaram tê-lo sempre tido por um homem de cérebro bem equilibrado.

À vista disto não é possível duvidar, e o que falta é apresentar as explicações.

O médico da comissão de vigilância, Luís Bufalini, e ultimamente o Dr. Bernheim, professor da Faculdade de Nancy, apresentam as seguintes explicações do jejum de Succi, que se repetirá este inverno em Paris.

A primeira questão que se apresenta é a seguinte: que influência tem o licor de que Succi toma uma determinada dose antes de começar o jejum, e ao qual atribui todos os seus maravilhosos efeitos?

O Dr. Bufalini escreve:

«Não posso formalmente reconhecer nesse licor a propriedade de fazer cessar a necessidade de alimentação, mas não poderei também negar-lha.

«Os nossos conhecimentos sobre a flora africana são bastante incompletos, e por isso não me parece que *a priori* possamos negar a existência de uma planta tendo tais propriedades. Há dias recebi de Paris uma carta com que me honrou o almirante de Corbigny, e na qual me escreve: – «Permiti, meu eminente correspondente, que chame a vossa atenção para um fruto de África Equatorial, a noz de Gouron ou de Kola, espécie de castanha adstringente, muito apreciada dos povos de África Central pelas suas propriedades reconstituintes, que permitem aos viajantes sofrer sem fadiga a privação do alimento e as longas marchas debaixo de um sol enervante.».

Contudo, o Dr. Bufalini crê que o licor, se tem acção importante e capital foi que encontrou Succi «um terreno singularmente propício», e que uma circunstâncias individual entra por uma grande parte no resultado de uma experiência tão admirável como esta.

Mr. Bernheim, pelo contrário, não crê que seja o licor absorvido no primeiro dia, que tenha a propriedade de suprimir a sensação da fome durante os trinta dias seguintes, e explica o fenómeno, em cuja possibilidade crê inteiramente, pelos princípios da fisiologia e por diversos factos análogos, modo de explicação que é de resto o que mais atenção também merece ao Dr. Bufalini.

A explicação do Dr. Bufalini resume-se em ver o grande segredo do jejum de Succi no seu *grande simpático*, e em crer que ele possui um sistema nervoso trófico inteiramente especial, graças ao qual o trabalho molecular íntimo da nutrição pode ser fortemente diminuído, conquanto não inteiramente suspenso.

Succi viveu à sua custa, à custa das reservas do seu organismo; mas consumindo muito pouco. Tal é a conclusão do médico italiano. «Há evidentemente neste homem como que um hábito de conservação, que lhe permite assimilar muito, perder muito pouco, e, por assim dizer, armazenar provisões para a época de carestia.».

As bases da explicação do professor de Nancy partem deste princípio, que a fome mata pela sensação que produz e não pela inanição, e que se pode conseguir facilmente um longo jejum, logo que se consiga abolir a sensação da fome. E seria também preciso ainda partir deste princípio, mais geral que a sensação da fome, a faculdade de resistir à privação dos alimentos, está na qualidade do sangue. Os animais de sangue frio resistem trinta vezes mais tempo à privação dos alimentos, do que os animais de sangue quente. Cláudio Bernard viu sapos resistirem em 3 meses à privação completa dos alimentos; um passarinho qualquer morre, pelo contrário, de fome no fim de dois ou três dias. Ora, um homem como Succi, é bem um animal de sangue quente; mas o que é facto é que a numeração globular e a hemocromometria do sangue de Succi não foram feitas, segundo declara o próprio Dr. Bufalini, e é bem possível que nisto se encontrasse alguma disposição muito especial.

Voltemos à explicação de M. Bernheim: a questão está em abolir a sensação da fome. Ora esta sensação é fácil de abolir por um estado particular do organismo. Todos têm mais ou menos experimentado a perda da fome pela fadiga ou por um desgosto; depois de uma marcha forçada é a sede que predomina, e Succi entregava-se como dissemos a exercícios violentos e bebia diariamente 600 gramas de água, diminuídas as que voluntariamente vomitava. Nas nossas excursões pelos montes e vales em volta de Lisboa, temos feito marchas de 10 a 12 horas consecutivas e complicadas com os trabalhos de campo do naturalista, como andar constantemente a levantar grossas pedras para apanhar moluscos e insectos, e ao entrar para casa às 8 horas da noite, tendo almoçado e partido às 8 da manhã e não tendo tomado absolutamente nenhuma outra refeição, é ainda a sede que nos tortura e nos tira mesmo a vontade de comer. A fadiga e a sede suprimiram a sensação da fome, e se outra e mais directa fosse a causa teríamos sido também um Succi.

Todos sabem como durante uma febre se resiste à falta de alimentação, sem que a febre nutra, como vulgarmente se julga; pelo contrário, a febre *desnutre*, e o que ela faz é abolir a sensação de fome.

O homem sadio e hercúleo que morre ao fim de alguns dias de jejum, não morre de inanição; no seu corpo há ainda muito que gastar, pois que ele é ainda um colosso relativamente ao tísico, que se arrasta durante semanas, na espinha,

verdadeiro cadáver ambulante, ou ao convalescente de uma febre tifóide que não tem senão a pele colada aos ossos e que apesar disso vai curar-se radicalmente.

«É, portanto, *a fome que mata, e não a inanição, ou, ao menos, a fome mata antes da inanição*, e assim, para impedir o esfomeado de morrer, bastaria suprimir a sensação – fome que mata *rapidamente*, enquanto que a inanição mata *lentamente*.».

Tal é o princípio sobre que assenta a explicação do Dr. Bernheim; mas resta ainda saber como é que Succi, na verdade sem fadiga enorme, e cujos efeitos abolidores da fome não poderiam de resto prolongar-se, e sem febre, nem nenhuma excitação nervosa, pôde conseguir abolir a sensação de fome para entrar tranquilamente no consumo das suas reservas, no usufruto dos bens inestimáveis, tão bem armazenados nos seus tecidos.

M. Bernheim, recordando diversos factos, conclui que o jejuador italiano pôde conseguir aquele resultado porque é um *auto-sugestionista*. A certas mulheres histéricas, adormecidas pelo magnetismo, sugeriu M. Debove a ausência de fome e a ordem de não comerem, e pôde assim conseguir um jejum de 15 dias, durante os quais elas beberam, mas não comeram nada. Succi, sem todavia ter nenhum sintoma do histerismo masculino (nem só os histéricos são, aliás, sugestíveis), pode muito bem, segundo M. Bernheim, fazer destas sugestões a si próprio.

«M. Succi – conclui M. Bernheim – é, portanto, um *crente*. Convencido do poder do seu licor, fanatizado pela sua *fé* na eficácia dessa bebida, ele neutraliza a sensação de fome por *auto-sugestão*, como os histéricos podem neutralizá-la por sugestão, vinda doutra pessoa. Ele não morre de fome, porque não tem fome, e sofre apenas os efeitos da inanição, que, por si só, não mata em 80 dias.».

Acreditando provisoriamente no que nos diz a ciência, pela boca destes dois fisiologistas eminentes, aguardemos com curiosidade o resultado do novo jejum que vai brevemente ter lugar em Paris.